

Vice-reitor da ACIPOL lança desafios para combate ao crime

A PREPARAÇÃO de estratégias de prevenção e combate à criminalidade passa pelo conhecimento dos delitos que ocorrem, o seu móbil e o “modus operandi” dos seus protagonistas.



Fernando Tsucana, vice-reitor da ACIPOL

Esta posição foi defendida pelo académico e vice-reitor da Academia de Ciências Policiais (ACIPOL), General Fernando Tsucana, no seminário que decorreu semana passada sob o lema “Dinâ-

micas actuais da criminalidade em Moçambique: Desafios para prevenção e combate”. O evento foi aberto pelo Presidente da República, Filipe Nyusi.

Ao Ministério Público, segundo Fernando Tsucana, o desafio é o aperfeiçoamento dos seus sistemas de inteligência, aproveitando a “massa de informação” que

diariamente circula nos gabinetes, utilizando a tecnologia para recolher dados para a geração de conhecimento acerca da criminalidade, em geral, e do crime

organizado, em especial.

Afirmou que este exercício pode permitir a produção de prova em processos penais e aquisição de subsídios para recomendar me-

lhorias nos serviços essenciais de segurança pública e penitenciário.

Para que todas estas acções tenham êxito, como referiu o vice-reitor da ACIPOL, é necessário capacitar os profissionais

da segurança pública, pois a formação pode ajudar a desenvolver competências, que são o resultado de conhecimentos, habilidades e atitudes. “A competência não se transmite”, sublinhou.

Por isso, de acordo com Tsucana, faz-se necessário desenvolver a prática reflexiva. Disse que as pessoas e instituições com acções reflexivas não ficam presas a uma só perspectiva.

Crime organizado começa a preocupar

FERNANDO Tsucana explicou que o crime organizado em Moçambique existe a um nível que se começa a revelar preocupante, mormente no domínio económico-financeiro, tráfico de pessoas e de órgãos humanos,

festações, forças ou até mitos que a envolvem são importantes para propor políticas e acções indutoras de controlo e combate.

“A compreensão dessa realidade requer uma observação tão complexa quanto a sociedade que

através das suas instituições judiciais e de segurança, dedica-se a estabelecer prioritariamente medidas retributivas como remédio à situação de insegurança e instabilidade provocada pelas organizações criminosas.



Presidente Filipe Nyusi recebido pela Procuradora-Geral, Beatriz Buchili, à sua chegada ao local do seminário

O que é segurança?

PARA o académico Fernando Tsucana, o crime organizado no cenário moçambicano e regional desafia-nos a procurar aprofundar o conhecimento e a caracterização deste fenómeno em território nacional, a tendência de evolução do fenómeno, respondendo às seguintes questões gerais: “Como se caracteriza o crime organizado em Moçambique? Que impacto tem este fenómeno na segurança nacional e no trabalho dos órgãos de administração da justiça? Que tipologias de criminalidade organizada se podem encontrar em território nacional? Confirma-se a existência e actuação da criminalidade organizada “Endógena” em Moçambique? Que medidas podem ser adoptadas para controlá-la e combatê-la?”

raptos, corrupção, entre outras.

O General da Polícia sublinha que o crime organizado é uma preocupação crescente na África Austral e no mundo. No entanto, segundo ele, em Moçambique só há pouco tempo começou a ser denunciado, pelo menos de forma mais aberta e pública, lembrando que no país há poucos estudos tornados públicos sobre as suas características e manifestações

a fomenta e que sofre as consequências dos riscos suplantados pelo avanço tecnológico científico. Muitas vezes, as autoridades policiais e judiciais demoram a perceber e a interpretar esses riscos e somente quando diversos factos acontecem procuram dar respostas, agindo nas consequências, adoptando medidas repressivas para responder ao crime social para o controle

“Desta feita, a nossa convicção é que é preciso estudar a criminalidade organizada para controlá-la e combatê-la. Para o efeito, os desafios que acho que os actores mais directos do sistema de segurança pública e da administração da justiça deveriam tomar como imediatos são a consolidação do Sistema de Segurança Pública para prevenir



Notícias
Polícia
05.09.2016
29.831 106

FOTOS DE C. BILA

Desafios para combater ao crime

A PREPARAÇÃO de estratégias de prevenção e combate à criminalidade passa pelo conhecimento dos delitos que ocorrem, o seu móbil e o "modus operandi" dos seus protagonistas.



Fernando Tsucana, vice-reitor da ACIPOL

Esta posição foi defendida pelo académico e vice-reitor da Academia de Ciências Policiais (ACIPOL), General Fernando Tsucana, no seminário que decorreu semana passada sob o lema "Dinâ-

micas actuais da criminalidade em Moçambique: Desafios para prevenção e combate". O evento foi aberto pelo Presidente da República, Filipe Nyusi.

Ao Ministério Público, segundo Fernando Tsucana, o desafio é o aperfeiçoamento dos seus sistemas de inteligência, aproveitando a "massa de informação" que

diariamente circula nos gabinetes, utilizando a tecnologia para recolher dados para a geração de conhecimento acerca da criminalidade, em geral, e do crime

organizado, em especial.

Afirmou que este exercício pode permitir a produção de prova em processos penais e aquisição de subsídios para recomendar me-

O que é segurança?

PARA o académico Fernando Tsucana, o crime organizado no cenário moçambicano e regional desafia-nos a procurar aprofundar o conhecimento e a caracterização deste fenómeno em território nacional, a tendência de evolução do fenómeno, respondendo às seguintes questões gerais: "Como se caracteriza o crime organizado em Moçambique? Que impacto tem este fenómeno na segurança nacional e no trabalho dos órgãos de administração da justiça? Que tipologias de criminalidade organizada se podem encontrar em território nacional? Confirma-se a existência e actuação da criminalidade organizada "Endógena" em Moçambique? Que medidas podem ser adoptadas para controlá-la e combatê-la?"

Obviamente, segundo ele, estas questões não esgotam o conteúdo da preocupação em estudar e compreender o crime organizado em Moçambique a partir dos fenómenos que já se evidenciaram, mas as respostas a elas constituiriam já fundamento da inteligência que possa permitir que se esbocem estratégias realísticas e se tomem decisões racionais sobre o controlo e combate ao crime organizado.

lhorias nos serviços essenciais de segurança pública e penitenciário.

Para que todas estas acções tenham êxito, como referiu o vice-reitor da ACIPOL, é necessário capacitar os profissionais

da segurança pública, pois a formação pode ajudar a desenvolver competências, que são o resultado de conhecimentos, habilidades e atitudes. "A competência não se transmite", sublinhou.

Por isso, de acordo com Tsucana, faz-se necessário desenvolver a prática reflexiva. Disse que as pessoas e instituições com acções reflexivas não ficam presas a uma só perspectiva.

Crime organizado começa a preocupar

FERNANDO Tsucana explicou que o crime organizado em Moçambique existe a um nível que se começa a revelar preocupante, mormente no domínio económico-financeiro, tráfico de pessoas e de órgãos humanos,

festações, forças ou até mitos que a envolvem são importantes para propor políticas e acções indutoras de controlo e combate.

"A compreensão dessa realidade requer uma observação tão complexa quanto a sociedade que

através das suas instituições judiciais e de segurança, dedica-se a estabelecer prioritariamente medidas retributivas como remédio à situação de insegurança e instabilidade provocada pelas organizações criminosas.



Presidente Filipe Nyusi recebido pela Procuradora-Geral, Beatriz Buchili, à sua chegada ao local do seminário



Miguel dos Santos e Jorge Khálau, antigos comandantes-gerais da Polícia, e José Abudo, Provedor de Justiça